

RBM #99

= *S. deceptor*

Rathbun

F. DE P. ANDRADE RAMOS

Nota sôbre *Scyllarides brasiliensis* Rathbun
e sua ocorrência no litoral do Estado de
São Paulo

Boletim do Instituto Paulista de Oceanografia

Tom. II — Fasc. 2



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Departamento de Produção Animal

SÃO PAULO

1951

NOTA SÔBRE *SCYLLARIDES BRASILIENSIS* RATHBUN E SUA OCORRÊNCIA NO LITORAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

F. de P. Andrade Ramos

O gênero *Scyllarides* foi criado por Gill (1898, p. 98-99) para receber alguns representantes da família *Scyllaridae*, até então incluídos no gênero *Scyllarus* Dana, 1852.

Como é sabido, até o presente, foram assinaladas na costa brasileira as seguintes espécies: *Scyllarides aequinoctialis* (Lund), da Bahia (Smith 1869, em Verrill 1922-924, p. 19); Rio de Janeiro (Moreira 1905, p. 127; De Man 1916, p. 65); Santos e Ilha de S. Sebastião (Luederwaldt 1919, p. 431; 1929, p. 52). Em Santos e São Sebastião, Luederwaldt (1929, p. 52) assinalou também a presença de *Scyllarus arctus* L., dada como frequentadora do litoral do Rio de Janeiro, por Moreira (l. c.,) e por De Man (l. c., p. 64). Sôbre esta espécie, Schmitt (1935, p. 174) diz apenas: Brasil. Êste autor considera *S. americanus* como habitante da costa do Rio de Janeiro.

Rathbun (1906, p. 113) descreveu *Scyllarides brasiliensis*, baseado em um exemplar proveniente da Bahia, ocorrência que De Man (l. c.,) confirma. Dêsse modo, até o presente, parecem existir quatro espécies distintas ao longo do litoral brasileiro.

Examinando os espécimes da coleção do Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura, do Estado de S. Paulo, verificamos nela figurar um exemplar rotulado com o nome de *Scyllarus aequinoctialis* Lund (n.º 574), capturado em 1907 na Ilha de S. Sebastião e retirado do estomago de uma garoupa. O crustáceo possui o telson danificado, nêle não se notando mais vestígios de manchas no primeiro somito abdominal. As medidas são as seguintes: comprimento total, sem o telson, 84 mm.; comprimento da carapaça 47 mm.; maior largura da carapaça 44 mm.; largura anterior da carapaça 42 mm.; largura posterior da carapaça 38 mm.; distância entre as órbitas 24 mm.

O exemplar de *Scyllarus arctus* L., (n.º 749), da coleção daquele Departamento, foi capturado em 1897, figurando, como local de origem, apenas a palavra: Brasil. Como a espécie anteriormente referida, esta

foi retirada do estomago de uma garoupa. Está bem conservada, mede 45 mm. de comprimento total, tendo a carapaça 16 mm. na sua maior largura. Os seus caractéres são bem típicos e as esculturagens dos somitos idênticas às constantes da fotografia da estampa VII, do trabalho de Verrill (l. c.).

No presente trabalho estudaremos *Scyllarides brasiliensis* Rathbun, assinalando a sua ocorrência no litoral do Estado de São Paulo. Infelizmente, ao descrever a espécie, a autora dela nos deu descrição muito sumária, contida em pouco mais de 20 linhas e desacompanhada de fotografia ou desenho elucidativo. A diagnóse, no entretanto, mau grado o seu laconismo, é suficientemente clara para o reconhecimento da espécie.

Os caractéres dos indivíduos que temos em mãos correspondem perfeitamente aos de *Scyllarides brasiliensis*, como se verá pela diagnóse dada a seguir. Julgamos conveniente fazer referência a êsse exemplar, primeiramente em virtude de se tratar de espécie um tanto rara, que não figura literatura especializada sobre os *Macrura*, a partir de 1906, salvo rapidíssima referência feita por De Man, em 1916. Em segundo lugar, parece-nos se resta a primeira vez em que se dilata um pouco mais para o sul a área de expansão geográfica da espécie, até então só referida como ocorrente na costa do Estado da Bahia.

Agradecemos ao snr. Dr. Oliverio Mario de O. Pinto, DD. Diretor do Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura, por nos ter gentilmente facultado o acesso à bibliografia e o exame do material que figura nas coleções do Departamento que dirige. Aos Snrs. Profs. Drs. Ernesto Marcus e Paulo Sawaya, agradecemos também o valioso auxílio que nos foi prestado pela biblioteca da Universidade de S. Paulo.

Ao snr. J. de Paiva Carvalho, Chefe da Secção da Fauna Marítima, do Instituto Paulista de Oceanografia, agradecemos a orientação imprimida ao presente trabalho; à Exma. Sta. Joanna de Paula Arruda, os retoques efetuados nas fotografias que ilustram a presente nota e ao snr. Kossako Kikuchi, a remessa do material que é objeto do presente estudo.

Scyllarides brasiliensis Rathbun.

Est. I-II

Fotos I e II

Scyllarides brasiliensis Rathbun 1906, vol. XIX, p. 113.

Denominação vulgar: Lagosta. Vasconcellos (1938, p. 67) regista os nomes de Lagosta sapata e Lagostim, atribuídos a *Scyllarus arctus* e Lagosta sapateira, Cigarra e Fradinho, aplicáveis a *Scyllarides aequinoctialis*.

Denominação estrangeira: Cigale de mer (França). Sea Cry-fish, Spanish Lobster (América do Norte). Bärenkrebse (Alemanha).

Ocorrência: 5 exemplares (2 ♂♂ e 3 ♀♀) capturados em rêde "trawl" pelo barco Dois Irmãos, provenientes de Ubatuba; 8 exemplares (4 ♂♂ e 4 ♀♀) pescados em idênticas condições nas cercanias da Ilha Vitória, situada ao norte da Ilha de São Sebastião, no litoral norte do Estado de São Paulo.

Diagnósoe: Espécie cujo porte variou, nos ♂♂, de 121 a 168 mm., e, nas ♀♀, de 130 a 171 mm., havendo poré uma ♀ que exibiu 270 mm. As medidas foram tomadas da base das antênulas à extremidade posterior do telson. Cefalotorax espesso e duro, granuloso, com largura, na porção média, variando, nos ♂♂, de 48 a 65 mm., e nas ♀♀ de 53 a 67 mm., salvo em uma que possui 93 mm.; os flancos laterais são providos de denticulações mais ou menos acentuadas. As órbitas encontram-se nos cantos anteriores externos e são encaixadas nas abas da carapaça. As antênulas são mais ou menos longas e largas, formadas por segmentos achatados, em forma de pá e semelhantes a escamas; margens externas das três primeiras articulações das antênas, denteadas, com dentes achatados, sendo o anti-penúltimo segmento desprovido de dentes proeminentes nos ângulos. Antêna medindo de 32 a 44 mm., salvo no maior exemplar que atingiu a 52 mm. Rostro proeminente. Dorso fortemente granuloso, existindo pigmentações vermelho-arroxeadas mais concentradas nas regiões cardíaca e branquial; região gástrica às vêzes com manchas escuras evidentes, de contorno mal definido e unidas na linha mediana da carapaça; região frontal com duas aglomerações de manchas vermelho-arroxeadas sôbre a linha mediana da carapaça.

Primeiro segmento abdominal apresentando duas grandes manchas redondas, de vivo vermelho-arroxeadado, bem afastadas uma da outra, achando-se o segmento desprovido de quilha mediana. Segundo, terceiro, quarto e quinto segmentos com ligeira quilha no meio. Lóbulos laterais um tanto alongados na região ventral, providos de margens denteadas. Pernas fortes, mais ou menos compridas e achatadas, com carena acentuada na face dorsal e proeminências terminais nos artículos, excrescências essas que se tornam gradativamente menos pronunciadas do primeiro ao quinto par.

O telson é mais largo do que comprido. O colorido geral é vermelho-arroxeadado, com tonalidades alaranjadas marginando as antênulas e antênas.

As medidas obtidas nos 13 exemplares por nós examinados são as seguintes:

	MEDIDAS EM MILIMETROS												
	Exemplares Número												
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
SEXO	♀	♀	♀	♂	♂	♀	♂	♂	♀	♀	♂	♀	♂
Comprimento total (1).	138	140	140	131	121	270	168	152	171	168	147	130	157
Compr. da base do rostro ao telson	136	132	132	126	119	250	161	148	166	162	143	125	152
Compr. da carapaça ..	61	57	61	58	54	104	72	65	72	72	65	56	67
Compr. do abdomen (sem o telson) ...	65	64	63	55	52	115	73	70	80	76	65	59	65
Compr. do telson	22	21	23	20	20	45	25	25	29	24	24	22	27
Larg. carapaça (porção anter.)	52	51	51	50	48	82	64	56	63	64	57	50	58
Larg. carapaça (porção média)	55	53	54	51	48	93	65	59	65	67	58	51	60
Larg. carapaça (porção inferior)	48	49	48	47	45	88	59	53	61	63	53	47	55
Larg. entre órbitas ...	36	35	36	35	34	60	45	40	44	45	39	35	41
Larg. do telson	25	23	24	23	23	47	30	27	31	31	26	24	28
Distância entre as órbitas e os bordos lat. da carapaça	11	10	10	10	9	15	12	11	13	13	12	10	12
Larg. do 1.º somito ..	11	11	12	12	11	20	15	14	15	16	13	11	14
Larg. do 2.º somito ..	14	16	18	16	12	25	21	19	22	23	18	16	21
Larg. do 3.º somito ..	14	16	17	14	15	29	22	20	23	23	19	17	21
Larg. do 4.º somito ..	15	15	17	14	14	25	16	18	21	21	17	14	15
Larg. do 5.º somito ..	12	12	18	12	11	20	12	14	17	16	12	10	11
Larg. do 6.º somito ..	10	12	11	11	10	22	14	13	15	13	12	11	12
Compr. da antena ...	34	35	35	31	32	52	44	39	42	43	37	34	39

Concordamos plenamente com Verrill (l. c.,) quando diz: “*S. brazilensis* pode ser prontamente identificada, quando de fixação recente, pelas suas côres vermelho-arroxeadas muito vivas, com os bordos das articulações, das antenas, etc., purpureos vivas ou “magenta” e, especialmente, pela ausência de união ou aproximação entre as grandes manchas redondas e vermelha, situadas na face dorsal do primeiro segmento abdominal. Em *S. brazilensis*, êsse segmento possui um par de manchas, de colorido vermelho vivo ou “magenta”, ambas grandes, evidentes, bem

(1) Da base das antênulas à extremidade posterior do telson.

afastadas ou situadas perto da linha mediana, entre o centro e a margem, encontrando-se, também, em muitos exemplares, máculas mal definidas, vermelho escuras ou pardo vivas, além do par mediano”.

Em todos os nossos exemplares, constatamos exatamente o que foi referido por Rathbun (l. c., p. 113), isto é, ser o primeiro segmento abdominal “provido de duas manchas vermelhas, circulares e distantes uma da outra, apresentando-se o interespaço existente entre ambas, maior do que a distância que separa cada mancha do flanco externo marginal do segmento”.

Confrontando-se as medidas dos nossos exemplares com as Verrill e Rathbun, obtém-se o resultado constante do quadro abaixo:

SEXO	MEDIDAS EM MILIMETROS			
	Verrill	Rathbun	R a m o s	
	♂	♀	♂	♀
Compr. total	295	—	121 a 168	130 a 270
Compr. da antena	62	—	31 a 44	34 a 52
Compr. da carapaça	90	86,5	54 a 72	56 a 104
Compr. abdomen ao telson ...	100	—	75 a 103	83 a 162
Compr. do telson	28	—	23 a 30	23 a 47
Larg. carapaça (anterior)	82	—	48 a 64	50 a 82
Larg. carapaça (centro)	84	80,5	48 a 65	51 a 93
Larg. carapaça (posterior)	—	—	45 a 59	47 a 88
Larg. entre as órbitas	56	—	35 a 41	35 a 60
Distancia entre as órbitas e os bordos da carapaça	11,5	—	9 a 12	10 a 15
Larg. do 1.º seg. abdominal ...	—	—	11 a 15	10 a 20
Larg. do 6.º seg. abdominal ...	17	—	10 a 12	10 a 22
Larg. do telson (1)	46	—	23 a 30	23 a 47

Discussão: Os machos capturados no litoral paulista apresentam porte bem inferior ao do material examinado por Verrill; mesmo a maior ♀ por nós captura (270 mm), não atinge tamanho semelhante ao en-

(1) Na coluna em que figuram os exemplares examinados pelo autor (Ramos) as medidas foram tomadas na base do telson.

contrado por aquêl autor. Em relação ao comprimento das antênas, as dos nossos exemplares são bem menores. Quanto ao comprimento do cefalotorax, os nossos machos possuem-nos de menores proporções, mas o constatado em uma das nossas fêmeas é bem maior do que o encontrado por Rathbun. O comprimento do abdomen até o telson é mais ou menos idêntico, em comparação com o do macho de Verrill, posto que em uma das fêmeas da nossa coleção êle se apresente bem maior. A largura do telson, na porção anterior, condiz com o que foi encontrado por Verrill, sendo, porém, em uma das nossas fêmeas, muito maior. A largura do cefalotorax, na porção média, é menor nos nossos machos e igual, quando comparada a da fêmea de maior porte que possuímos. As distâncias entre as órbitas é quase a mesma, exceção feita quanto à maior fêmea da nossa coleção. A largura do 6.^o somito abdominal (no centro) é menor nos nossos machos e bem mais acentuada na nossa maior fêmea. A largura do telson é inferior em todos os nossos exemplares, apresentando-se mais amplo em uma das nossas fêmeas.

Do confronto, conclue-se que Verrill deve ter tido em mãos um macho bem desenvolvido, mais ou menos do porte da fêmea que faz parte do material por nós estudado. Pena é que Rathbun se tenha manifestado, apenas, sobre o comprimento e a largura (no meio) da carapaça da fêmea por ela examinada.

Pelo exame das diagnóses constantes da literatura especializada que tivemos ao nosso alcance, verifica-se que a rugosidade da carapaça de *S. brasiliensis* é maior do que a existente em *S. aequinoctialis* e menor do que a de *S. americanus*. O caráter representado pelas máculas redondas, vermelho-arroxeadas, é útil ao trabalho taxonômico. Em *S. aequinoctialis*, elas se acham unidas anteriormente e situadas no centro do primeiro somito abdominal; em *S. brasiliensis*, elas são bem afastadas e dispostas no ponto central existente entre o meio e o bordo lateral do somito; em *S. americanus*, existem praticamente 3 máculas, uma no centro e duas laterais, estas menos evidentes do que aquelas. Quanto ao tamanho, as medidas evidenciam ser muito variáveis, tanto os comprimentos como as maiores larguras. No entretanto, a maior espécie até hoje verificada parece ter sido *S. americanus* da qual se conhece um exemplar com 350 mm.

Habitos: No nosso meio, pouco se sabe a respeito dos hábitos peculiares aos representantes da família *Scyllaridae*. Boone (1927, p. 88), referindo-se a *S. aequinoctialis*, diz que, nas Índias Ocidentais, a espécie ocorre, em abundância, em águas profundas dos recifes externos, frequentando desde as águas salôbras até profundidades de cêrca de 100 metros, acrescentando que “as suas antenas largas e achatadas bem como os dactilos fortes permitem-no abrir sulcos à superfície da areia ou da lama, revirando pequenas pedras, à cata de moluscos, vermes e outros quitutes semelhantes. O vigor demonstrado por êsse exemplar, capaz de erguer pedras maiores do que o seu próprio peso, constitue espetáculo surpreendente. Introduzindo as antênas em forma de pá no bordo de uma pedra, segura firmemente com o dactilo em forma de unha um apoio circunvizinho; o abdomen, secundado pela corcova do dorso, erguem o calhau

e, em supremo esforço, empurram-no para a frente. O dáctilo robusto sulca o terreno anteriormente ocupado pela pedra, capturando numerosos e diminutos organismos que sob ela se ocultavam”.

Como acontece com os demais membros da família, *S. brasiliensis* é dotado de visão muito escassa, sendo, em linhas gerais, um animal vagaroso.

Valôr econômico: No nosso meio, não nos consta que os representantes da família *Scyllaridae* tenham qualquer valôr econômico apreciável. Sabemos, apenas, que alguns pescadores, sobretudo os de origem japonesa, os consideram excelentes como alimento, ingerindo-os sempre que os encontram.

Besnard (1948, p. 120), que estudou com especial interêsse os crustáceos europeus sob o ponto de vista econômico, referindo-se aos componentes do gênero *Scyllarus* e, especialmente a *S. latus*, diz: “Esta espécie muito carnuda, possuidora de carne de excelente qualidade, infelizmente é muito rara e, conseqüentemente, não apresenta qualquer interêsse industrial”.

RESUMO

Trata o presente trabalho da ocorrência de *Scyllarides brasiliensis* Rathbun, no litoral do Estado de São Paulo. O autor examinou 5 exemplares (2 ♂♂ e 3 ♀♀) provenientes de Ubatuba e 8 exemplares (4 ♂♂ e 4 ♀♀) oriundos da Ilha Vitória, situada no litoral norte do Estado de São Paulo, nas proximidades da Ilha de São Sebastião.

A maioria dos especialistas que se ocupam do grupo parece não ter tomado em consideração o trabalho de Gill (1898), que subdividiu o gênero *Scyllarus* em dois: *Scyllarus* e *Scyllarides*, colocando, quase sempre, no primeiro gênero, espécies que devem figurar no segundo. Quase a totalidade dos indivíduos da família *Scyllaridae* que frequenta a costa brasileira, faz parte do gênero *Scyllarides*.

Estabelecendo confronto entre as medidas dos exemplares do litoral bandeirante e os obtidos por Verrill e Rathbun, o autor passa em rápida revista os seus hábitos; referindo-se ao valôr econômico por êles representado.

ABSTRACT

This paper mentions the presence of *Scyllarides brasiliensis* Rathbun, in the littoral zone of the State of S. Paulo. The author examined 5 specimens (2 ♂♂ and 3 ♀♀) from Ubatuba and 8 (4 ♂♂ and 4 ♀♀) from the Island of Vitória, along the northern coast of the State, in the surroundings of the island of S. Sebastião.

Many of the specialists that studied the group overlooked the work of Gill (1898) that splitted the genus *Scyllarus* in *Scyllarus* and *Scyllarides* and thus several species that ought to be placed in the latter mentioned genus are still described as belonging to *Scyllarus*. Most of the species that inhabit the brazilian coast must be referred to *Scyllarides*.

The author compares the measurements of the present specimens with those studied by Verrill and Rathbun, and rapidly refers the species' habits and its economic value.

BIBLIOGRAFIA

- BESNARD, W., 1948 — Les produits d'origine marine et fluviale, p. 1-366. Payot, Paris.
- BOONE, L., 1927 — Crustacea from tropical East American Seas. Bul. Bingham Oceanogr. Coll., vol. I, art. 2, p. 1-147. N. Y.
- DE MAN, J. G., 1916 — The Decapoda of the Siboga Expedition, Part. III. Families Eryonidae, Palinuridae, Scyllaridae and Nephropsidae. Siboga Exp., p. 1-318. Leiden.
- GILL, T., 1898 — The Crustacean genus *Scyllarides*, Science, N. S., vol. VII, n.º 160, p. 98-99. N. Y.
- LUEDERWALDT, H., 1919 — Lista dos Crustáceos superiores (Thoracostraca) do Mus. Paulista, que foram encontrados no Estado de São Paulo por H. Luederwaldt, naturalista do Museu Paulista. Rev. Mus. Paulista, vol. XI, p. 429-438. São Paulo.
- LUEDERWALDT, H., 1929 — Resultados de uma excursão científica à ilha de São Sebastião, no litoral do Estado de São Paulo e em 1925. Rev. Mus. Paulista, vol. XVI, p. 1-79. São Paulo.
- MOREIRA, C., 1905 — Campanhas de pesca do Annie. Crustáceos. Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro, vol. XIII, p. 1-190, est. I-III. Rio de Janeiro.
- RATHBUN, M. J., 1906 — A new *Scyllarides* from Brazil. Proc. Biol. Soc. of Washington, vol. XIX, p. 113-114. Washington.
- SCHMITT, W. L., 1935 — Crustacea Maerura and Anomura of Porto Rico and the Virginia Islands. Sci. Survey of Porto Rico and the Virginia Islands. New York Acad. Sci., vol. XV, pl. 2, p. 125-262. N. Y.
- VASCONCELLOS, A., 1938 — Vocabulário de Ictiologia e Pesca. Edição da Liga Naval Brasileira, p. 1-147. Recife.
- VERRILL, A. E., 1922-1924 — Decapod Crustacea of Bermuda. Part. II, Maerura. Trans. Conn. Acad. of Arts and Sciences, vol. XXVI, p. 1-179. New Haven, Conn..

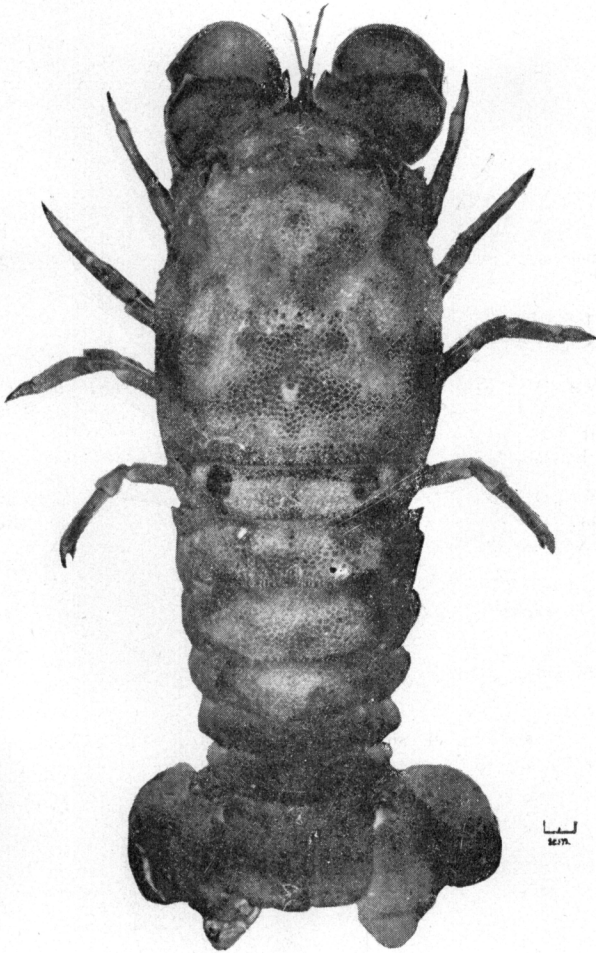


Foto I

Scyllarides brasiliensis Rathbun, ♀ da Ilha Vitória,
Estado de S. Paulo (vista dorsal).



Foto II

Scyllarides brasiliensis Rathbun, ♀ da Ilha Vitória,
Estado de S. Paulo (vista dorsal).